

Resumo: O autor começa, observando: Quando temos uma trilogia – Igreja, Sociedade e Juventude – podemos escolher o centro e fazer circular em torno dele a reflexão. Aqui, tomemos como centro a Juventude, pensando a Igreja e a Sociedade em relação a ela. Quanto à juventude, ela é a mesma, hoje, ou é diferente, em relação à de “outros tempos”? O fato é que ela carrega consigo duas tendências: a explorativa e a projetiva, privilegiando a explorativa, sincrônica. Diante disso, como trabalhar pastoralmente essa realidade juvenil? Como levar em conta o fato de que a cultura pós-moderna vê cada vez menos diferença entre o masculino e o feminino? Uma dificuldade, ainda, da relação Igreja-juventude é o fato de que o jovem instintivamente é avesso à autoridade, à instituição, à hierarquia. Há que se achar outro viés para se alcançar a mocidade.

Abstract: The author begins his exposé by focusing on the trilogy: Church, Society, and Youth, with special emphasis on the need for a central point in theological thought. He centers on the topic of Youth and linking the thought pattern about the Church and Society. A question to be raised concerns the identity of youth whether it is always the same or could be different from that of “other times”. The fact is that it implies two tendencies: already exploited or projective. When preference is placed on one, the other is underprivileged. The question arises in relation to the pastoral activity among young people. Awareness of basic trends in modern culture requires that we pay attention to a particular aspect which affects the distinction between masculine and feminine qualities but today is more and more diffused. An additional difficulty to be taken into account in the relationship between Church and Youth is the fact that young people are instinctively hostile to authority, institution, and hierarchy. There is a need to find another way of approach to enter into contact with the new generation.

Conferência: Igreja, Sociedade e Juventude

*Pe. João Batista Libânio SJ**

* Doutor em Teologia e Professor na FAJE, Faculdade de Teologia dos Jesuítas de Belo Horizonte, MG.





Boa noite! Muito feliz por falar aqui.

Quando temos uma trilogia – Igreja, Sociedade e Juventude – podemos escolher o centro e fazer circular em torno dele a reflexão. Aqui, tomemos como centro a Juventude, pensando a Igreja e a Sociedade em relação a ela. Assim, fica bem determinada a ótica sob a qual queremos falar.

Começemos, então, esta palestra, que pretende ser leve e simples.

De início, façamos esta pergunta: A juventude é a mesma ou é diferente?

Quando o professor fizer essa pergunta a vocês, jovens, respondam sim e não. É a melhor resposta, pois deixa o interlocutor desnortado, sem saber o que fazer (risos). E por que e resposta é sim e não?! Vejamos. Cromossomicamente, a época da juventude passa, mas ela se caracteriza por ser a mesma no que se refere aos aspectos biológicos, é uma etapa idêntica para todos os jovens, possui uma identidade que lhe é peculiar. A diferença é que cada um a vive de maneira diferente. Portanto, podemos dizer que os jovens não são os mesmos em sua experiência concreta vivencial do período juvenil. O jovem é e não é o mesmo em todas as épocas. Podemos falar sobre ele sempre, e cada vez trazendo à tona novidades devido à sua irreverência nata.

Ainda falando da parte biológica, o cérebro do jovem, por exemplo, desenvolve mais um lado do que o outro. Este que é menos desenvolvido está relacionado à dimensão afetiva, e por isso ele acaba errando muito nas suas escolhas, é facilmente enganado. É uma questão biológica, daí resultando que a sua culpabilidade em determinadas situações acaba sendo quase nula. As pessoas mais velhas, por sua vez, olham as situações por outro ângulo, as entendem de imediato, devido à experiência adquirida. Na fase terminal, nosso cérebro tem uma capacidade impressionante.

Mas, voltemos nossa atenção para o seguinte: o impacto que a cultura impinge sobre os jovens, e nesse sentido entra em jogo a Sociedade, que influencia diretamente sua maneira de se comportar. Os jovens, por possuírem menos passado, estão amplamente abertos ao futuro e às suas novidades. O passado tem a capacidade de nos fazer desconfiar das coisas, porque já experimentamos. Como o jovem carece de um número significativo de experiências, isso gera uma lacuna em sua vida, deixando-o vulnerável às artimanhas da Sociedade, justamente porque seu passado é relativamente curto. Um exemplo concreto é o mundo da



informática, na qual ele está mergulhado, mas que não lhe dá uma base de referência crítica. Pois as informações transmitidas, em sua maioria, são fragmentadas ou descontextualizadas. Portanto, antes de analisarmos a juventude e lançar sobre ela determinada conceituação, devemos levar em conta o momento cultural que estamos vivendo. A cultura é um fenômeno que marca o jovem, imprime-lhe uma identidade. Para conhecê-lo é preciso tornar-se familiar à sua cultura, entrar em seu mundo, identificar-se com ela para identificar-se com ele. Depois de ter dado esse passo, é necessário tomar distância para poder elaborar uma crítica consistente, com conhecimento de causa, pois quem não se identifica com a situação real e concreta não toma verdadeira consciência dos fatos. Esse jogo de inculturação e distanciamento do mundo juvenil não é fácil. Antes, é muito exigente e, se não for bem feito, seus resultados podem ser desastrosos, gerando muito preconceito em relação ao universo habitado pela juventude.

Um exemplo concreto que temos em nosso meio é o do educador Paulo Freire. Ao realizar um trabalho junto aos camponeses do nordeste, ele deixou-se envolver pela realidade nua e concreta daquele povo. Passou a ouvir o que eles falavam e pensavam e, ao mesmo tempo, foi ensinando-os a também tomarem consciência da cultura na qual estavam inseridos. Ajudou-os a perceber que tal cultura era de exploração, mas para isso primeiro foi necessário que eles tomassem distância a fim de poderem conscientizar-se dessa realidade. É o mesmo que, como ressaltamos acima, devemos fazer em relação aos nossos jovens.

Duas tendências

A juventude carrega consigo duas tendências: a explorativa e a projetiva.

A tendência explorativa caracteriza-se pela busca em conhecer as coisas por meio das experiências. E aquelas que são mais próximas a si se mostram as mais difíceis, pois o sujeito e o objeto se relacionam mais intimamente. Expliquemos melhor: para haver uma experiência é necessário um sujeito que a realize e um objeto que é o foco dessa experiência. Quanto mais o sujeito presta atenção no objeto, quanto mais se volta sobre ele e o apreende, o suga, mergulha nele, mais intensa será a experiência e mais efeitos e conclusões dela se desprenderão. Por exemplo: alguém atravessa o jardim e então lhe perguntam: o que você viu? Não sei, o que aconteceu!? – é a resposta. E o porquê dessa



resposta? Porque não olhou, não sentiu o objeto, não o experimentou. Cito ainda um missionário espanhol que trabalhou na China, e escreveu um livro sobre controle emocional. Ele nos ajuda a experimentar mais profundamente a realidade que nos circunda e sugere como exercício ficar à janela e olhar para uma árvore, depois, deter-se numa única folha da árvore e movimentar o dedo em riste para ver qual será sua experiência de árvore. Será totalmente diferente. Portanto, há uma fase forte da juventude marcada pelo fator experiência, que se encerra em um momento concreto e definido, circunstancial.

Mas, há também a tendência projetiva. Essa é marcada pelos sonhos, projetos, utopias, desejos, enfim, pela realidade futura, por isso projetiva, que se lança. É a capacidade ilimitada de sonhar que o jovem tem em si. Ela tem o aspecto positivo, pois fomenta a criatividade do jovem e o faz não permanecer passivo diante da realidade. Porém, pague-se o preço do sacrifício das relações experimentais, uma vez que tudo é lançado para o *ainda não*, em detrimento do *agora*. Fernando Gabeira, em seu livro *Que é isso companheiro?*, faz uma comparação que clareia bem essa tendência projetiva. Ele fala de um jovem universitário que participa do sequestro do embaixador e, quando em plena missão, em meio àquela tensão geral, ele olha para praia e vê as mulheres, percebe que não está vivendo o momento presente, preocupando-se apenas com o futuro e, então, decide recuperar o tempo perdido.

A década de 60 é marcada fortemente por essa tendência projetiva, devido aos grandes ideais surgidos então. A vida religiosa também padeceu disto, muitos foram os consagrados e as consagradas que deixaram o colégio para ir morar nas favelas, passando necessidades, por vezes extremas, em nome de um idealismo, sacrificando o momento presente.

Hoje o que temos é a primazia da tendência explorativa sobre a projetiva. A juventude hodierna só tem o gozo do presente e carece de sonhos, ocupa-se apenas com o momento presente. Um francês, João Claude Guillebald, faz uma abordagem da juventude a partir do que ele chama de a “tirania do prazer” e analisa a passagem da geração de 60 para as de hoje, cada vez com menos sonhos, menos ideais.

Os espanhóis de Madri criaram este epitáfio: “As flores as queremos já e não no funeral”. Da voz de Renato Russo ecoa ainda hoje este refrão: “É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã...”. Falando em amanhã, certo jornalista perguntou a um jovem: o que você vai fazer daqui a dez anos? Ironicamente, responde o jovem: não sei



nem o que vou fazer amanhã... (risos). Esses fatos refletem a juventude da sociedade moderna, para a qual só existe o presente. De certa forma, isso dá a impressão de que a história acabou, e há até o livro de um americano intitulado *O fim da história*. Quando se perde a noção de história, a ética entra em crise, porque os fundamentos, que são históricos, desmoronam. Será que há uma resposta para essa ênfase no momentâneo? Talvez, ao olharem para o passado, nossos jovens se decepcionem com alguns fatos negativos que o marcaram, tais como o nazismo com Hitler, os demais totalitarismos, as guerras mundiais, as grandes revoluções sociais e ideológicas que não deram muito certo, a crise de 89... e ao se deparar com os políticos de hoje – que maravilha! (risos), a decepção é total. A mediocridade da política não provoca o desejo pelo futuro. Os jovens da revolução de 68, em uníssono, repetiam “é proibido proibir” e, voltando-se aos professores, confessavam “você nos envelhecem”. Esse amálgama de eventos históricos pode ser justificção para a hostilidade da juventude para com a história e os faz querer viver somente do presente, tendendo à dimensão explorativa.

A pastoral da juventude

Desdobram-se, diante disso, algumas questões: como trabalhar pastoralmente essa realidade juvenil? Como lidar com alguém que só vê diante de si o momento presente? Como levá-lo a perceber que no presente estão as raízes do futuro, dum futuro em projeto?

Talvez o primeiro passo seja ajudar nossos jovens a criarem fantasias e estimulá-los a usarem sua criatividade. Essas duas características, tão fortes entre os poetas e os romancistas, estão em crise, empobrecendo a experiência vivencial do jovem de hoje. O lugar da fantasia foi substituído pelo campo do imagético, cujo poder de influência na formação da personalidade do jovem é tremendo. O jogo de imagens faz com que o jovem se torne passivo diante da realidade na qual está inserido, pois não lhe permite pensar no que vê. No mundo do imagético, entram em choque dois conceitos: o de imagem e o de símbolo. Ambos comportam mundos diferentes, cada qual com suas peculiaridades, porém, o mundo da imagem existe em detrimento ao mundo do simbólico. Vejamos o porquê.

A imagem tem a capacidade em apresentar ao jovem uma realidade tal, de modo tão forte, que paralisa o seu pensar, não permite que ele reflita sobre aquilo, que ele aplique o seu senso crítico, pois acaba sendo levado pela emoção, pelo sentimento. É o que fazem, por exem-



plo, os jornalistas: exploram os temas a partir de imagens fortes, cenas chocantes, geralmente de violências, de crimes, que acabam tendo um caráter mais apelativo do que educativo. Importa mais a capa do juiz do que suas ideias... (risos). As novelas caminham este mesmo trilho, não servem para estimular o pensar, apenas para entreter a atenção do telespectador, usando de imagens que, passadas rapidamente, acabam gerando uma cultura da imagem, do passageiro, do fútil, sem nenhuma espécie de senso crítico. A imagem faz parar o pensamento, bloqueia nossas emoções, agarra nossa afetividade. Nossos jovens vivem numa enxurrada constante de imagens, gastam tempo e dinheiro com imagens.

Por outro lado, temos o mundo dos símbolos, que vêm na contramão do imagético. Os símbolos, segundo Paul Ricoeur, levam-nos a pensar, a refletir sobre aquilo que representam, aquilo que significam, aquilo que eles unem, aquilo que está oculto neles. Diante de uma realidade simbólica, somos provocados a pensar as mais variadas coisas, uma vez que os símbolos nos fazem reagir, não nos deixam passivos, indiferentes. O símbolo tem uma força que a imagem não contém. Por exemplo, se estou andando e encontro o semáforo no vermelho, logo eu paro, pois o significado que está por trás do vermelho é o de advertência. Mas, para alguém que recebe um buquê de rosas vermelhas, a reação será outra, o significado do vermelho nesse caso será diferente. O que abre a mente não são conceitos, mas símbolos. Portanto, quanto mais imagens, menos símbolos. Os símbolos se explicam por si e educam, carregam consigo uma dimensão antropológica. Se vímos no altar duas crianças com velas acesas tendo a Palavra no meio, essa simbologia representa a inocência que carrega a Palavra. Isso é educação por meio da simbologia. Se, ao iniciar um encontro, pedirmos para um jovem desenhar no quadro um símbolo que represente a expectativa deles para o encontro e depois perguntarmos aos demais jovens o que representa ou significa aquele símbolo, as respostas serão as mais diversas, ainda que o símbolo seja o mesmo. O mundo dos símbolos é vasto, possui uma diversidade muito rica, e rebate em cada um de formas variadas.

Esse dois universos, o da imagem e o do símbolo, nos permitem pensar numa antropologia que brota do mundo jovem. Se pensarmos o jovem de dez anos atrás, estaremos falando de outro tipo de jovem que não este de hoje. Se retrocedermos ainda mais no tempo, chegando à década de 60, por exemplo, a abordagem será ainda outra. Aqueles jovens “da vanguarda” não tinham uma preocupação com o corpo como se tem hoje, não se importavam muito com o que vestiam, com o que estava



na moda. As academias naquela época não tinham vez no mercado. Por outro lado, a leitura dos clássicos era comum, a interação com o mundo da política e a indignação com as ditaduras, a luta em prol de grandes ideais, era o que ocupava os jovens de outrora. O corpo era a expressão da presença do jovem no mundo, na sociedade, era a força da sua vocação, representava a exterioridade do jovem como extensão de uma causa interna mais forte, um ideal. Hoje, a dimensão corporal significa uma presença meramente exterior, um culto à superficialidade, um objeto da ideologia mercadológica que endeusa o corpo, fazendo dele o escopo do campo econômico, em torno ao qual giram os demais campos. Essa *cultura do externo* reflete a não profundidade das relações, a liquidez dos valores que se anunciam como sendo verdadeiros, a troca do fundamental pelo passageiro, do essencial pelo contingente, do absoluto pelo relativo. O místico da sociedade pós-moderna é aquilo que aparece – o estético; não aquilo que significa – o ético. Chegar à sétima morada da caminhada mística é impensável, mas chegar ao teto do shopping é fácilimo.

Cultura pós-moderna

A cultura pós-moderna vê cada vez menos diferença entre o masculino e o feminino. O rapaz está cada vez mais feminino, esteticamente falando (vaidade), e a moça se aproxima cada vez mais do universo masculino, devido à emancipação social, política, econômica, trabalhista etc, conquistada por elas. Quando as diferenças diminuem, crescem as frustrações, pois se perdem os referenciais. Cria-se uma confusão interna, uma espécie de esquizofrenia da identidade. Isso gera uma mudança psicológica no jovem pós-moderno, que se evidencia quando fazemos uma comparação com aqueles jovens de outras épocas. Eles tinham introjetados em si padrões interiores, valores, normas, princípios... Seus exemplos eram os pais, os professores, os padres, os literatos, os mais velhos. Hoje, esses modelos não servem mais de inspiração, devido ao universo de informações que se desdobram diante deles e que os fazem autodidatas em todas as áreas. Porém, esse aprendizado por conta própria carece de experiência e gera certa deficiência em termos de maturidade. A arte de aprender de nossos jovens é confundida com a arte da informação. O Google é a principal fonte de informação que o jovem tem à sua disposição, mas não tem a capacidade de o levar ao conhecimento, ao aprendizado. Ele prolifera ideias *diarreamente* difundidas por aí (risos). A informação *googleana* é objetiva e simplória, não dá nada além daquilo



que se pede, não é capaz de contextualizar um fato, de fazer ligações interdisciplinares, de purificar os conteúdos, de oferecer um conhecimento crítico etc. Não ensina a pensar. Por exemplo, ao procurarmos alguma coisa sobre Hitler, o máximo que a informação *on line* conseguirá oferecer são dados informativos objetivos. Não ensinará a pensar o que foi o nazismo, quais suas verdadeiras origens, quais seus efeitos a curto e longo prazo para a humanidade, que ligações podem ser feitas entre o nazismo e outros fatos históricos da época, o que a psicologia tem a dizer sobre a figura de Hitler, enfim.

Aprender é uma arte dialética, assim como ensinar também o é. O aprender consiste em receber uma informação, perceber o que há de valor em si, o que há de verdade, em que realidade esta informação se insere, o que tem de positivo e negativo, de verdadeiro e de falso. E sobre esses dados, produzir uma análise crítica. O maior desafio que encontramos, em meio a esse emaranhado de informações ao qual a juventude está exposta, é o de conseguir ensiná-la a adquirir essa capacidade crítica. Afirmar o positivo (+/ += +) e negar o negativo (-/- = +).

(Três saberes: matemático, linguístico e filosófico. Só foi abordado o matemático, e de forma breve. Há, portanto, uma lacuna neste ponto do texto).

Relação Igreja – juventude

Por fim, queremos trazer um dado que emerge da relação Igreja – Juventude. O jovem tem dificuldade com autoridade, e por isso não conseguiremos, enquanto Igreja, entrar no mundo da juventude por meio do autoritarismo. Essa característica presente historicamente na Igreja sempre faz referência à instituição, à hierarquia, ao poder. No diálogo com o universo jovem, isso acaba sendo um empecilho. O jovem só recorre à instituição quando precisa dela para se defender; quando é para viver, ele prescinde de sua presença. Há de se achar outro viés para alcançar a mocidade.

O jovem, por natureza, quer estar no centro, e a cultura moderna contribui imensamente para este centrismo. Recorrendo à mitologia grega, fazemos três comparações: os jovens da década de 60, tantas vezes evocados por nós nesta conferência, os comparamos a Prometeu, conquistador, corajoso, comprometido. Por sua vez, a juventude hodierna, a comparamos a Sísifo: carrega a pedra e, quando chega lá em cima ela cai,



ou seja, está sempre andando em círculos. Prepara-se para o vestibular e cai, e assim por diante. Sua característica é acostumar-se ao cotidiano. Há ainda, Narciso, que representa uma juventude que só olha para si.